

não procures a palavra: há muito o escrivão  
a destruiu com o aço do aparo e a aguada  
tinta dos ofícios; há muito o rigor burocrático  
afastou dela um rosto, e o som que te dizia  
é agora um ruído no papel, o metal de uma frase  
interrompido

(YHWH)

não tentes soletrar o indecifrável: aí começa o trilho pedregoso aonde vêm morrer todos os nomes, a aurora da batalha que anuncia o labirinto. **As quatro letras** separadas por ossos, fezes, lama, não encontram a boca onde se digam, a palavra que rejeite o corvo a murmurar o campo com o seu erro, as dáliaes encostadas ao branco das casernas, e as crianças maldizendo o dia com a margem serena dos seus risos. Não procures a frase que se move, como a víbora no pó intermitente, no início da tarde, quando o vento arranca da ruína o musgo seco

o teu rosto, o desenho pouco a pouco devorou-o:  
o vento que interrompias com o riso  
é agora um sopro interminável  
onde as roseiras se tornam transparentes.  
Não te percas no jardim como um deus esquecido  
nos lábios dos mortos, não desfaças a estação  
do rigor que parece eternidade: ainda a manhã  
não transformou a geada num **resíduo da luz**,  
na casa vacilante que abriga os meus passos.  
Quando te chamo esconde-se no teu nome  
a minha ausência

regresso ao lugar que encontrou o repouso  
no meu corpo: **a morte é uma terra inacabada:**  
há ainda por lavrar o campo pedregoso onde os lagartos  
consomem o dia com a sua eternidade: sobre as pedras  
desenham o calor, a áspera fuga que desorienta os passos;  
regresso ao lugar da renúncia: aqui, o início é um momento  
do desencontro, e os cardos têm nas folhas a secura  
que o vento torna vulto, aqui, nem a ruína ergue a casa  
para sua habitação, nem há recanto que não cresça  
na trepadeira do pó. E cada pessoa é uma sombra  
onde culmina um nome rasurado. Aqui, a ave  
é um traço de cegueira, a noite de um golpe  
que separa os dois gumes do silêncio

és só um homem esquecido pela terra,  
os que te cercam não te reconhecem,  
nada sabem das tuas mãos, dos teus olhos,  
da coisa mais ínfima que seja tua.  
Tu vês os que te cercam, mas eles  
rodeiam-te da tua ausência  
com a perseverança de **sobreviventes**

do mundo aos lábios: **a separação**  
do olhar de Deus